



X Fórum Nacional NEPEG | de Formação de Professores de Geografia

percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

A METRÓPOLE PAULISTANA COMO CIDADE GLOBAL: O TRABALHO DE CAMPO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Marielly de Sousa Miranda
Universidade Federal de Goiás
mariellymiranda@outlook.com

Ismael Donizete Cardoso de Moraes
Secretaria de Educação de Mato Grosso
ismaelcardoso4@hotmail.com

Pedro Arthur Crivello
Universidade Federal de Goiás
pedroarthurcrivello@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir a relevância dos procedimentos didático-metodológicos para atividades de estudos, neste caso específico, dos elementos constitutivos e formativos de um trabalho de campo realizado na cidade de São Paulo pelos membros do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (LEPEG) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Metodologicamente, a atividade de campo realizada na cidade de São Paulo contou com a participação de alunos de graduação, mestrado, doutorado, professores da UFG e da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo geral consistiu em compreender aspectos do processo de (re)organização do espaço da cidade de São Paulo, e os específicos: analisar as sucessivas transformações da centralidade em São Paulo e entender as disputas travadas entre projetos de cidade. Os resultados apontam para um enriquecimento da formação dos graduandos e pós-graduandos, no sentido de que puderam vivenciar elementos constituintes da relação teoria e prática e a valorização do trabalho de campo enquanto parte fundamental da formação do pensamento geográfico na formação de professores.

Palavras-chave: Trabalho de Campo, Cidade de São Paulo, Metodologia de ensino.

Introdução

O presente estudo enfoca a relevância dos procedimentos didático-metodológicos para a atividade de estudo, neste caso específico, dos elementos constitutivos e formativos de um trabalho de campo realizado na cidade de São Paulo pelos membros do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica da Universidade Federal de Goiás (LEPEG). Embora tenham participado dessa atividade o Núcleo de Pesquisa e Ensino de Cidade (NUPEC), o Grupo de Estudos de Cartografia para Escolares (GECE) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Ensino e Ambiente (NúcleoGEA), o texto evidencia a perspectiva de observação e entendimento de membros do NUPEC.

Da mesma forma, ainda que o trabalho tenha se constituído por três momentos distintos, o trajeto de Goiânia para Campinas, a participação em atividades promovidas no ENPEG/Campinas e a visita à cidade de São Paulo, serão bordados neste recorte apenas os resultados da participação nas atividades desenvolvidas na cidade de São Paulo, haja vista, sua aproximação do objeto de estudo e das atividades de pesquisa desenvolvidas pelo NUPEC.

O objetivo geral do trabalho consistiu em compreender aspectos do processo de reorganização do espaço da cidade de São Paulo, já os específicos se propuseram a: analisar as sucessivas transformações da centralidade em São Paulo e entender as disputas travadas entre os projetos de cidade, a partir de diálogos com os mediadores, conhecedores dos projetos hegemônicos de organização desse espaço. Assim, para atingir tais objetivos, na definição do recorte espacial primou-se pela exploração de áreas de expressivo valor social, cultural e político da capital paulista: a região central, a rua Augusta e a avenida Paulista-Ibirapuera.

Metodologicamente, os estudos de campo realizados na cidade de São Paulo contaram com a mediação de alunos de graduação, mestrado, doutorado e professores da Universidade Federal de Goiás e da Universidade de São Paulo. Dessa forma, enquanto parte do processo formativo de professores e estudantes de geografia, o trabalho de campo realizado em São Paulo foi fundamental para pensar a produção do espaço em uma perspectiva dialética que se constitui em relacionar teoria e prática enquanto unidade de pensamento.

O trabalho de campo na formação de professores de Geografia

O trabalho de campo sempre teve um papel de destaque, tanto na geografia acadêmica, quanto na Geografia escolar (SUERTEGARAY, 2002). Ele representa para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente de um sujeito na relação com outro. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Dessa forma, o campo ultrapassou a perspectiva da descrição e da caracterização de determinados pontos, para se converter numa atividade que, além de cumprir com esse papel, busca a compreensão do espaço geográfico a partir da análise e interpretação de dados obtidos antes, durante e após a sua realização, buscando a “articulação entre conceitos, teorias e procedimentos metodológicos na Geografia” (SERPA, 2017, p. 9).

Na formação de professores, a realização do trabalho de campo assume igual relevância, pois como afirmam Morais e Lima (2018), com referencial em Shulman (2005) “ensinamos aquilo que sabemos e o ensino de quaisquer conhecimentos associados aos trabalhos de campo traz em seu bojo o conhecimento didático do conteúdo” (Idem, p. 102). Dessa forma, acredita-se que o trabalho de campo contribui na construção de ferramentas teórico conceituais, tanto para a reflexão a respeito da prática docente, quanto para pensar a realidade espacial atual, mobilizando os conteúdos geográficos.

Nesse sentido, ainda segundo Morais e Lima (2018), as propostas de trabalho de campo na formação de professores têm o intuito tanto de análise do espaço geográfico e de evidenciação de como essa atividade poderá ser realizada na educação básica em sua prática docente. Portanto, é relevante que haja uma reflexão sobre como essa proposta metodológica deve ser trabalhada ao longo da formação do professor de Geografia. Sacramento e Souza (2018, p. 12) contribuem para essa discussão no trecho a seguir:

Ensinar a construir um trabalho de campo nas formações básicas e superior é ajudar a promover o conhecimento dos estudantes em prol de uma Geografia desenvolvida no saber fazer, na dinâmica e na compreensão dos fenômenos que podem ser analisados dentro e fora de sala de aula, Esse conhecimento é produzido por eles a partir de diferentes leituras e concepções que cada um tem sobre o lugar a ser analisado.

Morais e Lima (2018) também trabalham o campo na formação de professores na perspectiva de uma proposta metodológica participativa de construção, onde os futuros professores participam de forma ativa nas três fases do trabalho de campo: planejamento,

execução e o pós-campo. Elas ainda propõem a realização de uma contextualização da área do campo através do tratamento cartográfico e científico dos conteúdos trabalhados em campo. Desse modo, pode-se inferir que o trabalho de campo enquanto proposta metodológica na formação de professores pode ser trabalhado de forma construtivista, onde todos os agentes participem da elaboração e sistematização das atividades, possibilitando o desenvolvimento do pensamento geográfico.

Para isso, segundo SERPA (2017), é imprescindível que ao planejar um trabalho de campo, tenha se em vista que há diversas possibilidades de recortar, analisar e conceituar os espaços e que a escolha de um recorte se dá de acordo com as metas e objetivos do pesquisador. Nesse sentido, realizar uma análise do espaço geográfico exige que “se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes” (SANTOS, 1992, p. 5). Porém, a análise do espaço não deve enxergar o recorte enquanto espaço isolado, sem interação com os elementos externos, e muito menos optar por analisar seus elementos isoladamente, sejam eles físicos ou humanos. Os fatos isolados são meras abstrações, o que lhes dá concretude são as relações que eles mantêm entre si (SANTOS, 1992 e SERPA, 2017).

Ainda, é importante atentar-se aos recortes escalares, analíticos e temporais, pois “o espaço enquanto conceito e especificidade da Geografia é a um só tempo produto e processo histórico, um mosaico de relações, formas, funções e sentidos” (SERPA, 2017, p.11). Dessa forma, foram escolhidos alguns pontos na metrópole paulistana que pudessem oferecer subsídios para analisá-la enquanto uma metrópole global, constituída ao longo da história e inserida em um contexto de acumulação desigual de capital.

Praça da Sé e centro de São Paulo

Começamos o trabalho de campo na praça da Sé, considerada o centro geográfico da cidade de São Paulo. Primeiramente, visitamos a Catedral da Sé, construída sob o estilo barroco, que reflete dentro de sua arquitetura características genuinamente brasileiras. Nessa oportunidade, observamos em seus vitrais algumas características da fauna, flora e da economia brasileiras, bem como as marcas da catequização dos povos nativos pelos jesuítas.



Figura 1: Exposição de aspectos históricos da produção do espaço paulista, impressos nos vitrais da Catedral da Sé.
Fonte: Arquivo pessoal

Nessa região, também se localizam diversos museus e os principais monumentos históricos da cidade. Dentre esses monumentos, destacamos o Marco Zero, que traz gravado um mapa das principais estradas que ligavam São Paulo a outros estados e a Santos. Esse monumento expressa o pensamento de centralidade paulista, muito forte no momento de sua criação - 1934. Outro aspecto relevante aparece nas gravuras esculpidas na lateral do hexágono que forma o Marco Zero.



Figura 2: Exposição de aspectos do Marco Zero realizada durante o trabalho de campo
Fonte: Arquivo pessoal

Elas expressam características da economia da época, centralizada em São Paulo e pautada na exportação. Assim como no teto da catedral, o café, principal produto de exportação nesse momento, aparece com destaque. Para além desses aspectos, analisamos o uso-ocupação na região da praça da Sé. Por ser um espaço público e ao mesmo tempo um dos pontos centrais da metrópole, sua ocupação acontece de forma bastante heterogênea. Assim a realidade complexa se revela na paisagem por meio da pasta e do vestuário elegante dos executivos, do chamamento dos ambulantes e da penúria dos desprovidos de esperança que por ali perambulam ou se fixam. Como podemos observar na figura 3.



Figura 3: Moradores de rua nas proximidades da Praça da Sé
Fonte: Arquivo pessoal

Deste modo, o espaço público que deveria se constituir, segundo Gomes (2012), um espaço de coabitação, é tomado pela gentrificação, que segundo Alves (2011, p. 111), “para além da moradia, pode indicar a ocupação cultural dos espaços, com a expulsão - ou ao menos a tentativa de - das populações de menor poder aquisitivo das áreas que concentram os equipamentos culturais”.

Nesse sentido, observamos que a Praça da Sé e outros pontos turísticos próximos aos poucos vem sendo reconfigurados, como a fixação de grades nos vãos existentes no entorno da catedral, grades que limitam o uso dos bancos apenas como assento, a retirada das marquises e o emparedamento das entradas de prédios abandonados. Há ainda a ação da polícia que intervém na aglomeração da população carente, principalmente em horários em que esse espaço é objeto de consumo turístico.

Rua Augusta - Praça Franklin Roosevelt

Neste campo percorremos a rua Augusta, mais especificamente o espaço compreendido entre a Avenida Paulista e a Praça Franklin Roosevelt, região conhecida como Baixo Augusta ou Baixo Paulista. Esta região é conhecida por sua vida noturna agitada, onde é possível encontrar grande diversidade de territorialidades envolvendo a cultura e o lazer, aspecto que foi fundamental para a escolha desse lugar para visitaçào.

No passado, essa região fazia parte de uma chácara e fora preterida pela classe alta por ser uma área de alagamento (brejo). No início se constituiu como rua residencial e somente mais tarde, em rua comercial. Sua história foi marcada por degradação, enchentes e engarrafamentos, inclusive pela possibilidade de deixar de ser rua e dar lugar a um boulevard.

Esse aspecto metamórfico foi responsável por sucessivas mudanças no perfil dos frequentadores.



Figura 4: Exposição de aspectos históricos e conflituosos da territorialização da rua Augusta
Fonte: Arquivo pessoal

Segundo Pissardo (2013), o início da utilização desse espaço ocorreu nos anos 1950 por Jovens de classe média e alta, frequentadores de bares e lanchonetes, em meio a difusão do modo de vida estadunidense na metrópole paulistana. Porém o que observamos no campo, foram vestígios da contradição entre dois períodos mais recentes, a apropriação e territorialização desse espaço por grupos marginalizados, prostitutas, travestis e usuários de drogas a partir dos anos 1970 e a política de revitalização desse espaço nos anos 2000.

Avenida Paulista e MASP

No terceiro dia de trabalho de campo o grupo começou seu trajeto pela avenida paulista, o ponto de encontro inicial foi no Masp (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand) em frente ao parque Trianon. Nessa oportunidade, podemos observar múltiplas formas de utilização e (re)significação do espaço geográfico. O museu, que possui palco para várias exposições de artes plásticas e o vão do Masp, considerado o maior vão livre da América Latina, no qual é muito comum a apresentação de artistas de rua com números musicais e circenses, entre outras manifestações artísticas, como podemos observar na figura 5.



Figura 5: artistas se apresentando no vão do Masp. Arquivo pessoal
Fonte: Arquivo pessoal

As ocupações do vão do Masp também se caracterizam por vários vendedores ambulantes que comercializam produtos artesanais, sendo que esses dois aspectos, artísticos e artesanais, se encontram em maior concentração em uma feira todo domingo pela manhã neste local. Dessa maneira, o Masp se tornou para São Paulo um território livre de circuito cultural entre vários moradores de diferentes classes sociais e vindas de diferentes pontos da cidade, que se encontram no Masp, por interesses semelhantes em viver a cultura da cidade.

Em geral, a paisagem da Avenida Paulista revela as contradições impostas pelo capitalismo globalizado. Ao mesmo tempo que sedia grandes empresas e instituições financeiras multinacionais, acolhe milhares de vendedores ambulantes, principalmente nos domingos e feriados em que se encontra fechada para carros. Nesse sentido, Spósito (2008, p. 14) esclarece que “a cidade revela os interesses e as ações da sociedade e, ao mesmo tempo, oferece condições para que esses interesses e ações se realizem, contribuindo para determinar o próprio movimento oriundo desse conjunto de ações”.

Ocorre que essas condições não são harmônicas e geralmente se revelam contraditórias, disso resulta um complexo sistema de ocupação do espaço urbano, como podemos observar na figura 6.



Figura 6: Aspectos da territorialização do espaço da Avenida paulista

Fonte: Arquivo pessoal

Essa dualidade entre os vendedores ambulantes e os representantes do capitalismo financeiro é um perfeito exemplo dos conceitos de circuitos superior e inferior desenvolvidos por Santos (2001). Segundo o autor, o primeiro tem sua base ligada à modernização e ao grande capital monopolizador, ao passo que o segundo, por seu lado, é formado por pequenos comerciantes e ambulantes, e se volta basicamente para o mercado local, geralmente associado a um público com pouca mobilidade.

Não se trata, porém, da contradição entre um setor tradicional e um setor moderno, pois o circuito inferior é um produto da modernização e do desemprego estrutural, além disso se constitui como subsidiário da porção moderna, apenas se diferenciando quanto a tecnologia empregada, o modo e a organização do trabalho. Essa dualidade foi marcante em nossas observações na avenida, a contradição entre um dos valores mais altos por metro quadrado de espaço das sedes das grandes empresas e a ocupação do espaço público clandestinamente.

Parque Ibirapuera

Na sequência do trabalho, o grupo percorreu uma parcela do espaço ocupado pela cidade, que parecia estar desconexo da realidade vivenciada anteriormente, marcada pelo intenso fluxo de pessoas, bens e serviços em diferentes circuitos. Difícil caracterizarmos o Parque do Ibirapuera em tão rápida visita, porém os olhares mais atentos puderam presenciar uma mudança na “atmosfera” na metrópole paulistana. Fomos contemplados com uma paisagem arborizada, com largas e extensas avenidas, monumentos históricos como o monumento às bandeiras (vide figura 7). O espaço amplo nas praças públicas é apropriado

pelas classes mais favorecidas para passeios e atividades físicas. Um ambiente saudável, mas que se revela inviável para a sobrevivência dos que vivem da venda de pequenos utensílios ou da doação de uma moeda que restara como troco.



Figura 7: Monumento às bandeiras
Fonte: Arquivo pessoal

Porém, não há desconexão entre espaços contraditórios, mas interdependência. Nesse sentido Cavalcanti (2008, p. 107) ensina que

A cidade é esse conjunto de lugares, com um comportamento mais ou menos singular e com relações contraditórias e de interdependência entre si. Na verdade, por trás desse caos aparente existe uma organização, uma estrutura do espaço urbano que faz com que se mantenha a ordem; sua lógica se relaciona com a própria lógica de funcionamento da sociedade que o espaço urbano expressa e abriga.

A lógica do Capital e da exclusão. É nesse sentido que pontuamos a importância do trabalho de campo para aproximar os conceitos e a empiricidade presentes no objeto, tendo a cidade como palco dessa dialeticidade. Um caminho profícuo para compreensão de tal lógica.

Museu de arte contemporânea

Após o Ibirapuera, passamos pela marginal e chegamos ao Museu de Arte Contemporânea (MAC). O museu possui uma das mais importantes coleções de arte ocidental do século XX. Além disso, o Mirante do MASP tem se tornado um dos mais importantes pontos de consumo turístico da cidade, pois possibilita a vista de cima de uma parcela privilegiada da cidade. Distante do movimento intenso e no interior de uma região elitizada da metrópole, é um local de difícil acesso para pedestres ou usuários do transporte

público. Assim, apesar de ser um espaço repleto de exposições gratuitas não é acessível a maioria da população.

Considerações finais

Durante a realização do trabalho de campo buscou-se o envolvimento dos participantes em atividades relacionadas ao ensino de cidade, notadamente às contradições e conflitos resultantes do processo histórico de ocupação do espaço da cidade de São Paulo. Os resultados apontam para um enriquecimento da formação dos graduandos e pós-graduandos, pois puderam vivenciar elementos constituintes da relação teoria e prática e a valorização do trabalho de campo enquanto fundamento da formação do pensamento geográfico na formação de professores.

Referências

- ALVES, Glória da Anunciação. **A requalificação do centro de São Paulo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n71/08.pdf>. Acesso em 28 Jan. 2020.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- GOMES, Paulo César da Costa. “Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço”. In: CASTRO, I. E. et al. (orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- MORAIS, Eliana Marta Barbosa; LIMA, Cláudia Valéria de. Trabalho de campo e ensino de Geografia: proposições metodológicas para o ensino de componentes físicos-naturais do espaço na geografia. **Contribuições da geografia física para o ensino de Geografia**. C&A Alfa Comunicação, Goiânia, (2018). p. 121 a 149.
- PISSARDO, F. **A rua apropriada: estudo sobre as transformações e usos na Rua Augusta (São Paulo, 1891 – 2012)**. 2013. 232f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.
- SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos; SOUZA, Carla Juscélia de Oliveira. O trabalho de campo para a formação docente na educação básica: realidade e desafios. **Contribuições da geografia física para o ensino de Geografia**. C&A Alfa Comunicação, Goiânia, (2018). p. 101 a 120.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos Países Subdesenvolvidos**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2001.
- _____. Espaço e Método, São Paulo. Scripta Nova. **Revista electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona**, v. 6, n. 124, 1992.
- SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim paulista de geografia**, n. 84, p. 7-24, 2017.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**. São Paulo: v.4, n.2, dez. 2014, p.196-229.

SPÓSITO,

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em geografia. **GEographia**, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.